



CONFERÊNCIA DO CLIMA

Brasil nega ajuda para participação na COP30

ONU pede ao governo que dê US\$ 100 de subsídio às nações menos desenvolvidas para que estejam representadas no evento. Para tentar amenizar a crise de hospedagem em Belém, será criada uma força-tarefa que envolve três ministérios

» ALÍCIA BERNARDES
» VANILSON OLIVEIRA

O governo brasileiro rejeitou, ontem, a proposta da Organização das Nações Unidas para que concedesse subsídios diretos às delegações de países menos desenvolvidos que participarão da Conferência do Clima (COP30), novembro, em Belém. O pedido foi formalizado pela ONU, em carta na qual solicitava que o país garantisse US\$ 100 por dia para os representantes de nações vulneráveis.

A resposta do governo foi negativa. “Não cabe aos brasileiros arcarem com as delegações de outros países”, afirmou a secretária-executiva da Casa Civil, Miriam Belchior. Ela destacou que o Executivo já tem arcado com custos “significativos” para viabilizar a COP30 e reforçou que o país apoia apenas a revisão dos valores repassados pela própria ONU.

Miriam afirmou que as Nações Unidas fixaram em US\$ 144 o valor do subsídio para Belém. Mas em outros países, como na Alemanha — onde ocorre a Conferência de Bonn, um evento preparatório da COP —, o valor era de US\$ 400.

“Em qualquer outra cidade do mundo, eles pagariam. Então, por que não pagam em Belém? Não estamos pedindo os US\$ 400 de Bonn. Estamos pedindo o que seria em São Paulo ou no Rio de Janeiro, que é US\$ 250”, argumentou Miriam. A ONU justificou que a mudança de valor demandaria tempo.

Apesar do impasse, a leitura do Palácio do Planalto é de que os ânimos estão se acalmando. “Em função das respostas enviadas [à ONU], baixou um pouco a temperatura”, analisou Miriam. O governo, porém, criará uma força-tarefa com funcionários dos ministérios das Relações Exteriores, do Turismo, do Meio Ambiente e Mudança do clima — além de membros da secretaria do evento — para

Marcelo Camargo/Agência Brasil



Segundo Miriam, “não cabe aos brasileiros arcarem com as delegações de outros países” para estarem na COP30

auxiliar as delegações estrangeiras nas negociações por hospedagem.

A secretária-executiva da Casa Civil enfatizou que a sede da conferência não será mudada. “A COP será em Belém. A cidade já tem contratos firmados, navios contratados, obras em andamento e espaços comercializados”, reforçou.

A pressão do subsídio às delegações ocorre em meio a queixas de delegações internacionais e entidades ambientais sobre os preços abusivos de hospedagem na capital paraense, que chegam a ser 10 vezes mais altos do que o habitual. Por causa desse fator,

o Observatório do Clima alertou que a COP30 corre risco de se tornar a mais excludente da história, já que países pobres e organizações da sociedade civil podem ficar de fora.

Confirmações

Segundo o secretário extraordinário da COP, Valter Correia, 47 países confirmaram presença com reservas garantidas na rede hoteleira. Até o momento, delegações de 39 países confirmaram reservas na plataforma de hospedagem do governo federal.

Outros oito alugaram acomodações por fora — estão neste segundo grupo Egito, Espanha, Portugal, República do Congo, Cingapura, Arábia Saudita, Japão e Noruega. Ainda assim, especialistas alertam que a dificuldade logística afeta a imagem do Brasil no exterior.

Para o cientista político Leonardo Paz Neves, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), a escolha de Belém tem forte simbolismo, mas apresenta limitações. “A imagem negativa veio da má escolha de uma cidade sem rede hoteleira e infraestrutura para um evento desse porte. O Brasil perde capital

Teste fundamental

O teste da Petrobras no bloco FZA-M-59, também conhecido como Bloco 59, é uma avaliação pré-operacional (APO). Trata-se de um tipo de simulado de emergência, essencial para a obtenção da licença de perfuração de poços de petróleo na Margem Equatorial, uma área na costa do Brasil. O teste serve para demonstrar ao Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) que a Petrobras tem capacidade e recursos para agir de forma rápida e eficaz em caso de um vazamento de óleo ou outro tipo de acidente. Os principais pontos desse teste são: 1) simulação de derramamento de óleo em larga escala para que a empresa possa colocar em prática o Plano de Proteção e Atendimento à Fauna; e 2) a Petrobras precisa mostrar que tem equipes, embarcações, equipamentos e planos de contingência prontos para conter o óleo e resgatar e tratar a fauna marinha afetada.

Sara Ribeiro, gerente de Relações Institucionais do Instituto Internacional Arayara, compartilha da preocupação. Para ela, a negativa do governo em subsidiar delegações mais vulneráveis reflete falhas de planejamento.

“Na prática, muitas pessoas estão desistindo de participar pela dificuldade de encontrar acomodações. Entramos com ação contra a superexploração de preços para tentar uma regulação mínima, mas o cenário continua crítico”, adverte.

Segundo Sara, a ausência de representantes da sociedade civil e de comunidades impactadas pela crise climática cria distorções. “Se apenas grandes empresas têm presença garantida, abre-se espaço para lobbies e negociações desequilibradas”, afirma.

A ativista, porém, reconhece a importância simbólica de sediar a COP na Amazônia. “A escolha não foi à toa: é o maior rio, o maior aquífero e uma das maiores florestas tropicais do planeta. Mas exige coerência. Não dá para defender a transição energética e, ao mesmo tempo, abrir novas fronteiras de exploração de petróleo”, frisa, em referência ao teste da Petrobras no **Bloco 59**.

Para ela, esse tipo de contradição coloca em xeque a liderança brasileira. “Como cobrar cortes de emissões de grandes potências se o próprio Brasil aumenta as suas?”, questiona.

Entre especialistas, o clima é de ceticismo sobre avanços significativos em Belém. Leonardo Paz Neves aponta que o cenário internacional é desfavorável.

“Com a guerra na Ucrânia, a retomada do governo Trump, a Europa queimando mais carbono por falta de energia, a expectativa é baixa”, prevê. Sara Ribeiro concorda: “Uma coisa é assinar cartas como a de Belém; outra é colocar em prática. Se nem conseguimos consenso sobre termos como ‘transição energética justa’, como avançar no mundo real?”, desconfia.

JORNALISMO

Matéria sobre comércio na porta do presídio premia Correio

» MARIANA SARAIVA

O *Correio Braziliense* conquistou o primeiro lugar no âmbito distrital do Prêmio Sebrae de Jornalismo 2025, na categoria Texto, com a reportagem “À sombra dos muros: o comércio que se estrutura ao redor da Papuda”. De autoria de Darcianne Diogo, a matéria traz à tona uma realidade pouco visível: o empreendedorismo que se organiza nas portas de presídios, em especial no Complexo da Papuda, no Distrito Federal. A ideia surgiu, segundo a jornalista, quando percebeu a rotina invisível de mulheres que trabalham, diariamente, com serviços e vendas direcionados aos parentes dos detentos.

Darcianne relata que a apuração da reportagem exigiu a convivência com as pessoas que prestam aquele tipo de serviço. “Fomos ao presídio por três dias. Além disso, visitamos a feira de Ceilândia para entrevistar ambulantes e feirantes que começaram a investir nesse comércio. Eles vendem roupas brancas, chinelos, itens de higiene, tudo voltado às necessidades de quem tem um parente preso”, explicou.

O impacto da reportagem foi

Ed Alves/CB/D.A Press



Darcianne (E) na apuração da reportagem que ajudou as trabalhadoras a serem reconhecidas com a legalização

imediatos: as trabalhadoras que estão à porta da prisão conseguiram a regularização da atividade e passaram a ter carteirinhas de identificação como ambulantes credenciadas — as tendas, inclusive, têm autorização para ficarem próximas às unidades prisionais, já dentro do complexo. “Era um trabalho invisível e não reconhecido. Depois da matéria, essas mulheres puderam

atuar de forma regularizada”, resalta Darcianne.

Além do comércio, a jornalista destacou o papel social exercido pelas vendedoras. “Elas não eram apenas guarda-volumes. Serviam, também, como apoio emocional para parentes de presos — mães, esposas, irmãos —, que encontravam nelas suporte psicológico no momento da visita”, contou.

Darcianne lembra, ainda, que o Distrito Federal ocupa posição de importância no cenário carcerário brasileiro. “A gente está entre as maiores populações prisionais do país”, observa.

Em sua 12ª edição, o Prêmio Sebrae de Jornalismo registrou, pela terceira vez consecutiva, recorde de inscrições. Concorreram 3.442 trabalhos de todo o país.

Mais de 700 pinguins mortos no litoral paulista

Facebook do Instituto de Pesquisas Cananéia



Cerca de 750 pinguins-de-Magalhães apareceram mortos no litoral norte do estado de São Paulo. Segundo o Instituto de Pesquisas Cananéia (IPEC), os animais da espécie *Spheniscus magellanicus* começaram a ser percebidos no dia 15 nas praias de Cananéia, Iguape e Ilha Comprida. Segundo especialistas do IPEC, a mortandade pode ter como causa alguma parasitose ou infecção contraídas no processo de migração do sul do continente para o litoral brasileiro. O estado de decomposição dos pinguins indicaria, ainda, que as mortes ocorreram há semanas em alto-mar e os corpos foram levados pelas correntes marítimas até a costa. Segundo o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), a taxa de sobrevivência desses animais é baixa “devido ao estado debilitado em que os pinguins chegam à costa”.